

**EXPERIÊNCIA E REFLEXÃO NA  
TRADUZADAPTAÇÃO ITALIANA DE GRANDE SERTÃO: VEREDAS**

Davi Pessoa Carneiro

# EXPERIÊNCIA E REFLEXÃO NA TRADUZADAPTAÇÃO ITALIANA DE *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*

Davi Pessoa Carneiro

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo discutir alguns aspectos do discurso ambíguo de Riobaldo, em *Grande sertão: veredas* e sua tradução italiana realizada por Edoardo Bizzarri, tendo como reflexão o processo de reescritura de um texto literário, ou seja, sua *traduzibilidade*, ou, como Guimarães Rosa colocava nas cartas com seus tradutores, sua *traduzadaptação*.

**Palavras-chave:** Tradução, teoria literária, *Guimarães Rosa*.

**Abstract:** The objective of this article is to discuss some aspects of Riobaldo's ambiguous discourse in *Grande sertão: veredas*, and its Italian translation by Edoardo Bizzarri, while reflecting on the process of rewriting a literary text, that is, *translatability* or, as Guimarães Rosa used to refer to in his letters to translators, *translate-adaptation*

**Key-words:** Translation, Literary Theory, *Guimarães Rosa*.

Pretendo discutir, neste artigo, alguns aspectos da *traduzadaptação* feita por Edoardo Bizzarri ao verter para a língua italiana o livro *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa. Para tal tarefa, é necessário trazer à tona algumas cartas entre Guimarães Rosa e seus tradutores italiano e alemão, pois estas possuem um papel muito importante dentro do processo de reflexão e análise. Nos diálogos com seus tradutores, Guimarães Rosa lhes sugeria uma atitude frente ao texto fonte, gesto esse que ele chamava de *traduzadaptação*, criando-se, assim, o devir com a língua, para que a reescritura seja capaz de preservar o modo de intencional/deslocar da linguagem da escritura rosiana, que o próprio autor acreditava ser intransponível para outro idioma. Em relação ao termo cunhado por Guimarães Rosa, destaco que o substantivo *traduzadaptação* provém do verbo *traduzadaptar-se*, escrito por ele em carta a Bizzarri, em 11 de outubro de 1963. Nessa carta, o autor coloca para o tradutor italiano as respostas às dúvidas que este expusera em carta anterior, de 6 de outubro de 1963, sobre nomes, localidades, apelidos e, ao explicar a Edoardo Bizzarri que pode traduzir alguns nomes próprios, e até mesmo “inventar” outros, G. Rosa declara:

Outros teriam de traduzir-se: *Pau-Roxo*, *Pingo-de-Ouro*, *Chica*, *Tomezinho*, *Rio-Negro (touro)*, *Tabuleiro-Branco*, *Adivinha (vaca)*. *As vacas: Brindada*, *Trombeta*, *Sereia*. *Os cães: Cráter*, *Catita*, *Soprado*, *Etc. etc.*

\*\*\*

Ou traduzadaptar-se: *Gigão (cachorro)*, *Floresto (cachorro)*, *Tapira (vaca)*, *Veluda (vaca)*, *Tucaninha (vaca - : de tucano)*, *Dabradiça (vaca)* (BIZZARRI, 1980, p. 21).

Assim, a releitura das cartas e as teorias selecionadas têm como objetivo questionar a ambiguidade do discurso de Riobaldo e, através da experiência de leitura do texto de Rosa e da *traduzadaptação* de Bizzarri, evidenciar o discurso ambíguo de Riobaldo na re-escritura de Edoardo Bizzarri. A linha teórica que se monta aqui, para a construção dos questionamentos, é movente. Para analisar aspectos da tradução, utilizo textos de Antoine Berman e Walter Benjamin. Para a análise de aspectos do discurso de Riobaldo, recorro a dois ensaios de Émile Benveniste. Por essa linha, da mesma forma, podem passar outras teorias, sempre que for necessário, mas será a relação entre as teorias selecionadas desses três teóricos citados que me possibilitará pensar aquilo que desejo discutir no artigo.

Antoine Berman, em *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo* (2007), argumenta que o discurso que pretende desenvolver sobre a tradução não se trata de um discurso teórico, nem mesmo de um discurso voltado para a crítica das teorias tradicionais nem para a análise de traduções concretas. Segundo o próprio Berman: “Quero situar-me inteiramente fora do quadro conceitual fornecido pela dupla teoria/prática, e substituir esta dupla pela da *experiência* e da *reflexão*” (BERMAN, 2007, p. 17). Berman não vê semelhanças entre a primeira e a segunda dupla, pois:

A tradução é uma experiência que pode se abrir e se (re)encontrar na reflexão. Mais precisamente: ela é originalmente (e enquanto experiência) reflexão. Esta reflexão não é nem a descrição impressionista dos processos subjetivos do ato de traduzir, nem uma metodologia. Ora, uma boa parte da proliferante e repetitiva literatura dedicada à tradução pertence a uma ou outra destas categorias (BERMAN, 2007, p. 18).

Berman, mais uma vez, afirma: “não há nenhuma grande tradução que não seja também pensamento, *produzida pelo pensamento*. A tradução pode perfeitamente passar sem teoria, não sem pensamento” (BERMAN, 2007, p. 19, grifos seus). Percebemos que o teórico francês, ao escolher a dupla experiência/reflexão, ao invés da dupla teoria/prática, está tentando potencializar a relação entre tradução e filosofia.

Nesse ponto encontramos o passo em direção à teoria de Walter Benjamin, no célebre ensaio “A Tarefa do Tradutor”. Para Benjamin, traduzibilidade não se confunde com tradução, pois, segundo ele:

A tradução é uma forma. Para compreendê-la como tal, é preciso retornar ao original. Pois nele reside a lei dessa forma, enquanto encerrada em sua traduzibilidade. A questão da traduzibilidade de uma obra possui um duplo sentido. Ela pode significar: encontrará a obra jamais, dentre a totalidade de seus leitores, seu tradutor adequado? Ou então, mas propriamente: admitirá ela, em conformidade com sua essência, tradução e, conseqüentemente (em consonância com o significado dessa forma), a exigirá também? (BENJAMIN, 2001, p. 191).

Benjamin parece estar postulando que a origem é sempre póstuma e postiça, pois a tarefa do tradutor é a própria traduzibilidade e não a tradução em si mesma. Ainda segundo Benjamin: “A traduzibilidade é, em essência, inerente a certas obras; isso não quer dizer que sua tradução seja essencial para elas, mas que um determinado significado inerente aos originais se exprime na sua traduzibilidade” (BENJAMIN, 2001, p. 193). Assim, a origem e, portanto, o original é a passagem da forma ao informe, é uma metamorfose. A tradução constitui-se pela própria ambivalência que deflagra. Ela, ao praticar a diferença entre as línguas, evidencia também as suas semelhanças e, como a via é de mão dupla, a tradução que evidencia as semelhanças entre duas línguas poderá também mostrar as suas diferenças. Importante ressaltar a questão da origem não como gênese, pois o conceito de origem, para Walter Benjamin, não aponta uma identidade, mas, ao contrário, assinala um movimento. Poderíamos dizer: há algo que não cessa de passar e de desaparecer, isto é, o conceito de origem surge do processo de “vir-a-ser”, e, quando algo advém, logo desaparece. Walter Benjamin, em *Origem do drama barroco alemão* (1984), busca esclarecer o conceito de origem:

A origem, apesar de ser uma categoria totalmente histórica, não tem nada que ver com a gênese. O termo *origem* não designa o vir-a-ser daquilo que se origina, e sim algo que emerge do vir-a-ser e da extinção. A origem se localiza no fluxo do vir-a-ser como um torvelinho, e arrasta em sua corrente o material produzido pela gênese [...] A origem, portanto, não se destaca dos fatos, mas se relaciona com sua pré e pós-história (BENJAMIN, 1984, p. 67-68).

O ensaio de Benjamin produziu e ainda produz muitos ecos em trabalhos que mostram uma pluralidade de argumentos sobre a tradução e, especificamente, sobre a tradução literária, pois coloca uma série de questões não sobre o produto “tradução”, mas, ao contrário, sobre o processo, sobre a traduzibilidade de um texto, ou seja, o gesto que deflagra uma relação entre escritura e re-escritura. Esse é o caso de *Grande sertão: veredas*. A correspondência entre Rosa e Bizzarri parece nos mostrar justamente uma preocupação por deflagrar uma tradução que impõe um devir para o texto original<sup>1</sup>. Desse modo, o tradutor italiano procura – e aqui peço licença para utilizar um jogo de palavras –, juntamente com Rosa, o *rabo da palavra* ou, de outra maneira, busca o *rabo da letra*, articulando, assim, o pensamento de Rosa em direção ao pensamento de Berman, isto é, o texto enquanto *letra*. Aqui se faz presente também a premissa de Walter Benjamin, que postula a tradução como continuação ou sobrevida que o original terá a partir das transformações que sofre, pois a tradução vem compreendida como passagem que marca uma diferenciação entre as línguas.

Retomo mais uma vez a dupla *reflexão/experiência* de Berman. Através e nessa relação, o tradutor toma suas decisões, mas essas não são tomadas enquanto não estiver amadurecido o pensamento que provém do texto e a ele retorna. E, caso pensemos junto com Berman na tradução da *letra*, esta entendida como espaço textual, então, devemos pensar que a letra abre um espaço no qual várias forças entram em ação. Conforme Berman “a letra é seu espaço de jogo” (BERMAN, 2007, p. 26).

O teórico argumenta que a tradução ocidental é caracterizada por três traços fundamentais: “*Culturalmente* falando, ela é *etnocêntrica*. *Literariamente* falando, ela é *hipertextual*. E *filosoficamente* falando, ela é *platônica*” (BERMAN, 2007, p. 26). E ele percebe que a essência etnocêntrica, hipertextual e platônica da tradução acaba por encobrir outra essência que “é mais profunda, que é simultaneamente *ética*, *poética* e *pensante*” (BERMAN, 2007, p. 26). Talvez o termo *traduzadaptação* esteja ligado à peça móvel que interliga os pontos dessa *tripla dimensão*, pois, para se chegar a uma *traduzadaptação* que seja uma tradução composta por essa tripla dimensão, é necessário inserir, ao mesmo tempo, cada um dos seus elementos, *ético*, *poético* e *pensante*, em cada uma das partes do termo inventado por Guimarães Rosa.

Cito, agora, dois trechos de duas cartas, uma de Guimarães Rosa para Curt Meyer-Clason, outra do tradutor alemão para o escritor mineiro. A primeira é de 17 de junho de 1963, em que Guimarães Rosa argumenta:

Para tanto, porém, o confronto com o original terá de ser feito linha por linha, palavra por palavra, vírgula por vírgula, PENSAMENTO POR PENSAMENTO. Muita coisa, naturalmente, terá de perder-se, de evaporar-se, por intraduzível. Mas, que não sejam as coisas vivas, importantes. Nem coisas válidas *para o leitor alemão*. Por isso, a ajuda que lhe pode dar o *The Devil to Pay in the Backlands* terá de ser julgada, passo a passo; às vezes, com sábia e esperta desconfiança; mas, sempre, de modo “crítico” (ROSA, 2003, p. 116, grifos do escritor).

Destaco a ênfase dada por Rosa na expressão que deixou em letras maiúsculas: PENSAMENTO POR PENSAMENTO. Por mais que o tradutor se prenda em detalhes aos neologismos ou à busca da reprodução das inversões sintáticas presentes no discurso de Riobaldo, aquilo que não pode deixar de ser levado em consideração é o pensamento, pois esse gesto não pode ser abandonado, já que parece ser o grande responsável ou a peça móvel que ligará cada uma das dimensões colocadas por Antoine Berman.

Da outra carta, agora de Curt Meyer-Clason a Rosa, de 22 de janeiro de 1964, cito um longo trecho, já que é uma passagem importante e traz uma série de discussões:

Em meu trabalho de traduzir procedi de maneira funcional. A tradução funcional dispensa conceitos tais como “literal” ou “livre”, pois são conceitos vagos, equívocos que nada sabem daquela fidelidade ao espírito da obra oriunda de uma afinidade interior ou de uma identificação artística – casual ou elaborada. Fiel, em meu sentido funcional, pode significar muita coisa: literal, homogêneo em variação negativa; traduzir para o idiomático, mas ser mais fiel que uma versão ao pé da letra, e muitas coisas mais.

Desta vez, não dei a mínima consideração ao comprimento das frases, nem ao número de verbos ou adjetivos. Acima de tudo estava a exigência: como devo me expressar para alcançar o mesmo efeito? Em seu caso, o aspecto plástico, sentencioso, a metáfora, a parábola freqüentemente só transmitem o seu sentido quando analisamos, recompomos a frase e a averiguamos em seus aspectos conceptuais, lógicos e metalógicos. Mas quando captei o que o poeta quis dizer, dei à versão alemã sempre que possível uma forma poética equivalente distanciando-me de uma tradução interpretativa. Toda interpretação mata a poesia à medida que dá mastigado para o leitor o que este deveria captar com sua imaginação. “Meu macaco veste roupa” significa então: sou um homem e não me comporto como um macaco. Traduzi por: “*Mein Affe trägt Menschenkleider*”. Contudo, nas provas tipográficas tirei a palavra “*Menschen*” (ser humano), pois é um pleonasma. Se o leitor não souber o que fazer com esta imagem, *tant pis pour lui*.

Quem de antemão sabe que trava uma batalha perdida, que luta em desvantagem, para este qualquer achado lingüístico é uma vitória. Traduzir Rosa significa: solicitar a ajuda de todas as forças da imaginação; colocar em campo uma tropa inteira de faculdades imaginativas; tentar aqui e acolá pregar uma peça no autor, superar-lhe num ponto e por vezes registrar uma vantagem. Em outras palavras, tenho de tentar compensar vitórias e derrotas (tanto mais que a cada passo tenho de engolir uma derrota); tenho de juntar numa conta um saldo positivo de versões superiores em alemão para ficar em condições de poder engolir se necessário trechos intraduzíveis ou soluções fracas, até mesmo falhas. Em outras palavras: tenho de pensar sempre no todo e jamais apenas na frase considerada no momento. Por este motivo, minha tradução deveria ser avaliada em bloco, da primeira à última frase composta por duzentas mil palavras, e não com base em amostragens, catadas ociosamente aqui e ali, pois tampouco o original permitiria que depois de algumas páginas alguém dissesse: gosto ou não gosto. Minha versão também é poesia, ou melhor, pretende ser poesia (ROSA, 2003, p. 153-154).

A passagem da carta de Meyer-Clason a Guimarães Rosa evidencia alguns pontos que o tradutor alemão defende como sendo essenciais ou reprováveis quando se traduz qualquer texto literário, mas, nesse caso, ele está dando ênfase na tradução alemã de *Grande sertão: veredas*, publicada na Alemanha em 1966. Para Meyer-Clason, a tradução funcional seria aquela que busca produzir um efeito semelhante àquele experimentado pelo leitor do texto fonte, e essa semelhança não passa por uma tradução interpretativa, mas, ao contrário, passa por uma diferenciação que o tradutor tenta produzir entre a língua portuguesa e alemã. Outra questão interessante apontada por Meyer-Clason é sua atitude consciente frente a uma tradução que pode ou não vencer o tradutor através de uma série múltipla de obstáculos que lhe são impostos. No entanto, o tradutor que se impõe diante das dificuldades poderá “pregar uma peça no autor”, ou seja, poderá produzir uma estranheza através de uma diferenciação que o autor experimentará como efeito análogo ao do texto fonte, porém conjugado a outro meio, a outra escolha, e, assim, o tradutor poderá se sentir em vantagem, já que, nesse momento, ele é co-autor.

Para entender o tradutor como co-autor, preciso discutir um aspecto fundamental sobre o discurso ambíguo de Riobaldo: sua subjetividade na linguagem. O ensaio de Benveniste, “Da subjetividade na linguagem”, começa com a seguinte indagação: “Se a linguagem é, como se diz, instrumento de comunicação, a que deve ela essa prioridade?” (BENVENISTE, 2005, p. 284). Tal questionamento não parece ser tão óbvio ou desnecessário, pois a linguagem não seria aquela que serve de instrumento de comunicação ao homem, mas, ao contrário daquilo que se pensa, “a linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou” (BENVENISTE, 2005, p. 285). Aliás, pensar a linguagem como instrumento

significa separar o próprio homem da linguagem, colocar o homem à margem da linguagem. Benveniste, então, defende a concepção de uma linguagem que dê ao indivíduo o status de sujeito e é assim que deve ser, porque “é um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem” (BENVENISTE, 2005, p. 285). Dessa forma, a linguagem será o lugar onde o indivíduo se constitui como falante e como sujeito. E Benveniste coloca outra pergunta: “Será realmente da linguagem que se fala aqui? Não a estamos confundindo com o discurso?” (BENVENISTE, 2005, p. 284). Para compreendermos melhor aquilo que o teórico entende por subjetividade, é necessário colocarmos alguns pontos sobre a noção de enunciação.

No ensaio, *O aparelho formal de enunciação*, Benveniste declara: “A enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 2006, p. 82). A enunciação seria o ato de produção do enunciado, mas nunca o texto do enunciado. Nesse ponto podemos pensar na tradução, no sujeito que produz um texto se baseando num texto fonte, desde que a preocupação maior, ao menos como estamos pensando, e a tradução não apenas de palavras soltas, palavras inventadas e reinventadas por Guimarães Rosa, mas a tradução do “pensamento” que está ali no texto fonte, que é fruto de uma experiência que Rosa compartilha com seu leitor e, ainda mais diretamente, com seus tradutores através das cartas que trocam ao longo de vários anos. Então, a questão mais profunda não parece passar pela origem de uma ou outra palavra e pela tentativa de reprodução de tal aspecto, mas sim, e aqui colocamos a questão junto com Benveniste, como o pensamento se forma em palavras. Segundo o teórico: “a enunciação supõe a conversão individual da língua em discurso. Aqui a questão – muito difícil e pouco estudada ainda – é ver como o “sentido” se forma em “palavras” (BENVENISTE, 2006, p. 83).

Cotejo, a seguir, a tradução italiana realizada por Bizzarri com a escritura de Guimarães Rosa. Coloco dois trechos do discurso ambíguo de Riobaldo, no texto de partida e no texto de chegada (as edições de *Grande sertão: veredas* utilizadas aqui são as seguintes: o texto em português publicado pela editora Nova Fronteira, 19. ed., em 2001, com prefácio de Paulo Rónai, e o texto em italiano publicado pela editora Feltrinelli, de Milão, 1. ed., coleção “Universale Economica”, em 1976, com o título *Grande sertão*).

Além do produto final, o texto traduzido, parece-me necessário destacar a importância da enunciação ou das enunciações que chegam até o tradutor, no ato de pensar-traduzindo ou traduzir-pensando, pois a enunciação parece provocar a constante reflexão por parte do tradutor; a enunciação parece ser, assim, o grande drama do tradutor. De acordo com Benveniste:

O ato individual pelo qual se utiliza a língua introduz em primeiro lugar o locutor como parâmetro nas condições necessárias da enunciação. Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno (BENVENISTE, 2006, p. 84).

Desse modo, a referência é fundamental, já que é parte integrante do processo. Segundo Benveniste, “o que caracteriza a enunciação é a acentuação da relação discursiva com o parceiro, seja este real ou imaginário, individual ou coletivo” (BENVENISTE, 2006, p. 87). Isso determina a estrutura do quadro figurativo da enunciação, a do diálogo, que tem obrigatoriamente um *eu* e um *tu*. Os dois participantes alternam as funções, caracterizando-se como parceiros e protagonistas na situação de enunciação. Isso, na verdade, vai criar uma relação intersubjetiva entre os sujeitos do enunciado. E, ao lermos *Grande sertão: veredas*, percebemos que essa relação é obscurecida, pois sempre que o interlocutor letrado é chamado por Riobaldo a dar sua opinião sobre algo levantado pelo próprio narrador, então este toma novamente a palavra, ou seja, o interlocutor está lá, diante de Riobaldo, mas não consegue enunciar seu discurso. O enunciador utiliza algumas estratégias para convocar o alocutário, a que Benveniste chama de “aparelho de funções”, sendo uma importante partícula que convoca a presença do alocutário, a interrogação, que está muito presente ao longo de todo o discurso de Riobaldo. Segundo Benveniste:

Desde o momento em que o enunciador se serve da língua para influenciar de algum modo o comportamento do alocutário, ele dispõe para este fim de um aparelho de funções. É, em primeiro lugar, a *interrogação*, que é uma enunciação construída para suscitar uma “resposta”, por um processo lingüístico que é ao mesmo tempo um processo de comportamento com dupla entrada. Todas as formas lexicais e sintáticas da interrogação, partículas, pronomes, seqüência, entonação, etc., derivam deste aspecto da enunciação (BENVENISTE, 2006, p. 86).

Riobaldo assumiria, em sua instância de discurso, tanto o seu *eu* como o *tu* do alocutário, transformando este *tu*, mais uma vez, no seu *eu*, impossibilitando a presença do *eu* do falso interlocutor. Portanto, a reciprocidade sobre a qual Benveniste discorre no ensaio *Da subjetividade na linguagem* não se evidencia ao longo de *Grande sertão: veredas*.

Assim sendo, podemos falar em dialética em *Grande sertão: veredas*? Discuto tal aspecto no livro *Terceira Margem: testemunha, tradução* (2008), no ensaio intitulado “Riobaldo: a testemunha em des-articulação”, mas o retomo aqui, dada mais uma circunstância de reflexão proporcionada pela teoria de Benveniste. Por isso, seleciono uma passagem, dentre tantas que se encontram no relato de Riobaldo, em que a personagem faz perguntas ao seu interlocutor. Destaco os pontos nos quais as interrogações de Riobaldo aparecem. Vejamos :

Texto fonte – p. 200	Tradução de Bizzarri – p. 154-155
<p>Ah, mas falo falso. <b>O senhor sente? Desmente?</b> Eu desminto. Contar é muito, muito dificultoso. Não pelos anos que se já passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas – de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. <b>O que eu falei foi exato? Foi. Mas teria sido?</b> Agora, acho que nem não. São tantas horas de pessoas, tantas coisas em tantos tempos, tudo miúdo recruzado (...) <b>Ou me pegassem no caminho, bebelos ou Hermógenes, me matassem?</b> Morria com um bé de carneiro ou um áu de cão; mas tinha sido um mais destino e uma mór coragem. <b>Não valia?</b> Não fiz. Quem sabe nem pensei sério em Diadorim, ou, pensei algum, foi em vezo de desculpa. Desculpa para meu preceito, mesmo. Quanto pior mais baixo se caiu, maismente um carece próprio de se respeitar. De mim, toda mentira aceito. <b>O senhor não é igual?</b> Nós todos. Mas eu fui sempre um fugidor. Ao que fugi até da precisão de fuga.</p>	<p>Ah, ma parlo falso. <b>Vossignoria lo sente? Dice di no?</b> lo dico di sì. Raccontare è molto, molto difficile. Non per gli anni che già sono passati. Ma per l’astuzia che hanno certe cose passate – di fare l’altalena, di muoversi dai loro posti. <b>Quel che ho detto era esatto? Lo era. Ma lo sarebbe stato?</b> Adesso, mi pare che non tanto. Sono tanti momenti di persone, tante cose in tanti tempi, tutto minuto intrecciato (...) <b>Oppure mi prendevano durante il cammino, quelli di Zé Bebelo o quelli dell’Ermogene, mi ammazzavano?</b> Morivo con un <i>beé</i> di montone o con un <i>bau</i> di cane; ma era piú destino e maggior coraggio. <b>Non ne valeva la pena?</b> Non lo feci. Chi sa se neppure pensai sul serio a Diadorim, o, se pensai ad alcuno, fu per mezzo di giustificarmi. Giustificarmi di fronte a me stesso. Quanto peggio piú in basso si cade, tanto piú uno ha bisogno di aver rispetto di se stesso. Da me, accetto qualsiasi bugia. <b>Vossignoria non è cosí?</b> Noi tutti. Ma io sono stato sempre un fuggitivo. Sono fuggito perfino dalla necessita della fuga.</p>

Podemos observar que todas as perguntas lançadas por Riobaldo ao seu “interlocutor” são respondidas pelo próprio narrador, ou seja, o seu alocutário não consegue se constituir como sujeito, pois o discurso que poderia provir de sua participação num possível diálogo não se efetua. Portanto, poderíamos pensar na figura de Riobaldo como uma figura ambivalente, pois, ao mesmo tempo em que se constitui como sujeito logo que enuncia algo, ele também se apropria do discurso de seu alocutário. No próximo trecho, lemos:

Texto fonte – p. 232	Tradução – p. 181
<p>De tudo não falo. Não tenciono relatar ao senhor minha vida em dobrados passos; servia para que? Quero é armar o ponto dum fato, para depois lhe pedir um conselho. Por daí, então, careço de que o senhor escute bem essas passagens: da vida de Riobaldo, o jagunço. Narrei miúdo, desse dia, dessa noite, que dela nunca posso achar o esquecimento. <b>O jagunço Riobaldo. Fui eu? Fui e não fui. Não fui! – porque não sou, não quero ser.</b> Deus esteja!</p>	<p>Di tutto non parlo. Non ho intenzione di riferire a vossignoria la mia vita passo per passo; a che servirebbe? Quel che voglio è mettere a punto un fatto, per poi chiederle un consiglio. È per questo, dunque, che ho bisogno che vossignoria ascolti bene questi brani: della vita di Riobaldo, il <i>jagunço</i>. Ho narrato minutamente, di quel giorno, di quella notte, che mai riesco a dimenticare. <b>Il jagunço Riobaldo. Sono stato io? Lo sono e non lo sono stato. Non lo sono stato! – perché non lo sono, non voglio esserlo.</b> Dio ne guardi!</p>

O discurso de Riobaldo mostra-se ambivalente e se contradiz: “Fui e não fui. Não fui!”. Em italiano: “Lo sono e non lo sono stato. Non lo sono stato”. Percebo que, no hiato entre o texto fonte e a tradução italiana, a circularidade está presente, retomando a ideia de *reine Sprache* ou língua pura, colocada por Benjamin. Susana Kampf Lages, no ensaio “Babel revisitada: reler e re-traduzir “A tarefa do tradutor”, argumenta:

A ideia de uma *reine Sprache* seria melhor traduzida em língua portuguesa por pura linguagem, ao invés de língua pura. Por isso, para Benjamin – e para Haroldo de Campos, leitor de Benjamin – desde logo, a resposta à questão de se tradução é comunicação, obtemos a resposta segundo a qual: ‘a tradução é uma forma’” (LAGES, 2008).

Portanto, o tradutor, estando em contato com o texto fonte, trans-formando-o, estará promovendo não a reprodução de uma forma, já que esta se mostra informe. E, através do confronto dos dois textos, a pura linguagem vem à tona, deflagra um devir, que produz um abalo em ambos os textos.

#### Referências bibliográficas:

BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. Tradução e apresentação de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

BENJAMIN, Walter. *A tarefa-renúncia do tradutor*. In: HEIDERMANN, Werner (org.). *Clássicos da teoria da tradução*. Tradução de Susana Kampff Lages. Florianópolis: UFSC, 2001.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística Geral I*. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 5. ed. São Paulo: Campinas, Pontes Editores, 2005.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística geral II*. Tradução de Eduardo Guimarães et al. 2. ed. São Paulo: Campinas; Pontes Editores, 2006.

BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7 Letras/PGET, 2007.

BIZZARRI, Edoardo. *J. Guimarães Rosa: Correspondências com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri*. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 1980.

LAGES, Susana Kampff. Babel revisitada: reler e re-traduzir “A tarefa do tradutor”. In: *Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC – tessituras, interações, convergências*. São Paulo: USP, 2008.

PESSOA, Davi. *Terceira margem: testemunha, tradução*. Florianópolis: Editora da Casa, 2008.

ROSA, Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSA, Guimarães. *João Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason (1958-1967)*. Edição, organização e notas Maria Aparecida Faria Marcondes Bussolotti; tradução Erlon José Paschoal. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Academia Brasileira de Letras; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

<sup>1</sup> Destaco, aqui, dois ensaios que aprofundam a relação entre Guimarães Rosa e Edoardo Bizzarri através das cartas, “Traduções em correspondência”, e o outro, “Riobaldo: a testemunha em des-articulação”, em que é analisado o discurso ambíguo de Riobaldo como um discurso de uma testemunha que desarticula a possibilidade de dialética entre dois mundos antagônicos. Ambos os ensaios estão presentes In: PESSOA, Davi. *Terceira margem: testemunha, tradução*. Florianópolis: Editora da Casa, 2008.

**Davi Pessoa Carneiro Barbosa** possui graduação em Letras - português-italiano pela Universidade Federal do Ceará (2004). Atuou como professor substituto de língua e literatura italiana no curso de Letras da Universidade Federal de Santa Catarina UFSC. Fez mestrado nos Estudos de Tradução, PGET-UFSC, sobre a tradução italiana de *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa. Atualmente está fazendo o doutorado em Literatura na UFSC, com projeto sobre a escritora Elsa Morante e o escritor argentino Macedonio Fernández. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua e Literatura Italianas Modernas, atuando principalmente no seguinte tema: ensino, língua italiana, tradução.